

A CIRCULAÇÃO DOS DISCURSOS ATÓPICOS: LOLA BENVENUTTI

Gleice Antonia Moraes de Alcântara (UFSCar/CAPES)
gmoraesalcantara@gmail.com

Rilmara Rôsy Lima (UFSCar/FAPESP)
rilmararosy@gmail.com

RESUMO: O ápice da indústria pornográfica emerge em distintas práticas discursivas e ao longo da história a circulação de discursos sobre a sexualidade, não se deu a ver como um longo rio tranquilo, muito pelo contrário, as formas de interdição desses discursos - atópicos - estão acompanhadas de regimes de verdades e saberes que são e estão a serviço de uma sociedade que controla o que pode e deve ser dito, instaurandose assim uma polícia dos enunciados (Foucault, 1998, apud. Souza, p. 198). Posto isso, este trabalho se propõe tecer sucintas considerações sobre os discursos legitimados a circular e aqueles que são dados como práticas de leituras silenciadas e/ou proibidas. Neste sentido, tomamos as manifestações do horror em nossa literatura como discursos atópicos, dada à ausência de uma tradição da crítica literária, a partir da perspectiva do medo, dito de outra maneira, analisamos os discursos sobre a sexualidade representado pela pornografia e o erotismo enquanto produções literárias que esbarram nos pudores sociais e considerados de vocabulário “baixo”, que entram em cena pelas portas dos fundos da literatura. Tomamos como referencial teórico-analítico os postulados da Análise de Discurso de orientação francesa, a partir das reflexões de Dominique Maingueneau (2010, 2015)) e Foucault (2010) e o diálogo com os estudos do feminismo pelo olhar de Margareth Rago (2013) e a literatura a partir das reflexões de Eliane Robert Moraes e como objeto de análise a obra *O prazer é todo nosso* (2014) de Lola Benvenuti, evidenciando como a sociedade contemporânea através dos discursos que põe a circular sobre a representação da sexualidade instaura uma política do medo.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; pornografia/erotismo; atopia; circulação; Lola Benvenuti

Das perspectivas iniciais

Temos como propósito neste texto tecer reflexões introdutórias sobre os estudos que vimos fazendo recentemente sobre a sexualidade, mais especificamente sobre duas de suas formas de representação, a erotização e a pornografia. A temática tem nos chamado à atenção e nos levado a buscar possibilidades de diálogos entre a Análise de Discurso, a partir dos postulados teórico-metodológicos de Dominique Maingueneau e Foucault, os estudos do feminismo pelo olhar de Margareth Rago e a Literatura pelo olhar de Eliane Robert Moraes. Destacamos que procuramos evidenciar neste trabalho a erotização e a pornografia enquanto produções literárias silenciadas e /ou proibidas, e que

neste sentido provocam uma espécie de medo na sociedade da qual elas participam¹, como assevera a ensaísta Eliane Robert Moraes (2014)

A literatura erótica sempre provocou grandes polêmicas. Por preconceito ou por medo, as pessoas muitas vezes recusam o tema. Não percebem que se trata de uma área essencial do conhecimento humano e que é também fascinante porque celebra a alegria de Eros, a alegria do corpo

Dado esse caráter polêmico, concordamos com França (2011), quando este diz da ausência de tradição em estudos literários voltados às manifestações do horror em nossa sociedade, o que podemos dizer também no âmbito do discurso, visto que temas que evidenciam a sexualidade em certa medida provocam e chocam a estrutura moralizante da sociedade, provocando uma espécie de “medo” a essa mesma sociedade que tende a privilegiar discursos que criem padrões e que disciplinem os sujeitos, produzindo assim no espaço social para os discursos outros, ou seja, os discursos sobre o medo e o horror, preconceito, repulsa, apagamento e também indiferença das pessoas que “optam” por recusar e resistir assuntos que polemizam, como por exemplo a sexualidade.

Feitas essas primeiras observações tomamos as manifestações do horror/medo em nossa literatura como discursos atópicos (conceito que será exposto adiante), dada à ausência de uma tradição da crítica literária, a partir da perspectiva do medo, dito de outra maneira, analisamos os discursos sobre a sexualidade representado pela pornografia e o erotismo enquanto produções literárias que esbarram nos pudores sociais e considerados de vocabulário “baixo”, que entram em cena pelas portas dos fundos da literatura. Para refletirmos o caráter atópico do medo tomamos como objeto de análise a obra *O prazer é todo nosso* (2014) de Lola Benvenuti, livro em que uma garota de programa, de codinome Lola Benvenuti, através de contos eróticos e pornográficos relata as experiências sexuais com seus parceiros. Posto isso, esboçaremos a seguir a narrativização tanto da pornografia quanto da erotização como atividade discursiva atópica.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A HISTORICIDADE DA SEXUALIDADE E POR SUA VEZ DA PORNOGRAFIA

¹ Fast-food sexual- a sociedade ao mesmo tempo em que vela os discursos sobre a sexualidade, pornografia e erotismo, é consumidora voraz de literatura sexual, o que pode ser visto pelo sucesso de obras como *Cinquenta Tons de Cinza*, e do grande sucesso que ainda desperta as obras daquele que é considerado o mais perverso escritor do gênero, o Marquês de Sade

“Há pouco eu evocava um estudo possível: o das interdições que atingem o discurso da sexualidade. Seria difícil e abstrato, em todo caso, empreender esse estudo sem analisar ao mesmo tempo os conjuntos dos discursos, literários, religiosos ou éticos, biológicos e médicos, jurídicos igualmente, nos quais se trata a sexualidade, nos quais se acha nomeada, descrita, metaforizada, explicada, julgada. Estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso e, quem sabe não estejamos indo nessa direção. Pouco importa. As interdições não tem a mesma forma e não interferem do mesmo modo no discurso literário e no da medicina, no da psiquiatria e no direção de consciência. E, inversamente, essas diferentes regularidades não reforçam, não contornam ou não deslocam os interditos da mesma maneira.” (FOUCAULT, 2002. P. 67)

Os dizeres de Foucault antecipavam seus interesses futuros, a saber, uma espécie de história da sexualidade, e mais, chamava a atenção para a não possibilidade de unicidade do discurso da sexualidade, que há séculos está cercado de regimes de interdição. Interdição essa que não é operada de maneira homogênea para todos os discursos que circulam nas práticas sociais. Em face disso, Maingueneau (2010) assevera que a inserção no espaço social do discurso pornográfico é radicalmente problemática, pois o julgamento “pornografia” supõe a fronteira que separa práticas dignas de civilização de pleno direito, e práticas que se colocam aquém disso. Devido a esse caráter de legitimidade e não legitimidade torna-se complexo como bem destacou Foucault dar a ver uma unicidade a esse discurso. Maingueneau afirma ainda que diferente de outros tipos de textos, no que concerne a pornografia, a censura é universalmente radical, pois todos os tipos de regimes políticos traçam uma linha que separa o aceitável e o inaceitável em matéria de representação da sexualidade. Exemplifica a questão: difícil imaginar que, no ensino médio sejam trabalhados textos pornográficos, caso isso viesse a acontecer seria uma prova que a sociedade teria mudado profundamente. Neste aspecto, no caso da Literatura Brasileira muitas obras que abordam a temática da sexualidade recebem uma atenção maior por parte dos órgãos públicos quanto estas são direcionadas ao espaço escolar, o que pode ser observado em relação às obras de Jorge Amado, pois segundo o professor Vieira a crítica não entendeu a abordagem sexual do literato.

Sobre esse aspecto, o que é aceitável e o que não é aceitável, o que pode e o que não pode circular, Maingueneau diz “não podemos nos contentar em opor, como se fossem dois blocos compactos, os discursos que pertenceriam plenamente à sociedade e os discursos que seriam proibidos, ou tolerados, desde que permanecessem na sombra.” (2010. p. 23). A respeito desses discursos que são “aceitos” ou “reconhecidos” pela sociedade estão os discursos tópicos e os discursos paratópicos. Os paratópicos - religioso, científico, filosófico, literário - garantem os outros, a saber, tópicos, visto que

aqueles devem se localizar simultaneamente, na e fora da sociedade, ou seja, eles participam da sociedade, fazem fronteira com o indizível e o Absoluto, seus falantes mais notáveis são impulsionados por uma força transcendente, são autorizados à existência. Por sua vez, a literatura pornográfica, atua na fronteira da sociedade, mas não se trata da mesma fronteira, haja vista que os discursos paratópicos têm direito de existência, direito de cidadania. Na outra via a pornografia não é aceita pela cidade. O pornográfico não tem lugar para existir, tal como outras práticas atestadas (missas negras, candomblé, palavrões...) que se esgueiram pelas gretas do espaço social, sendo classificados como discursos atópicos, práticas linguagens atestadas, no entanto, silenciadas, reservadas a espaços muito restritos ou extremamente particulares. Assim, o discurso pornográfico convive com uma dualidade que lhe é constitutivo: é impossível ele existir (clandestina, parasita, nômade, ocultada/ ordem na norma); e impossível ele não existir (massivamente atestada pela proliferação de enunciados que circulam/ ordem do fato).

Dado esse caráter dúbio da existência da pornografia, a proliferação e circulação é inegável, mas é importante destacar que o discurso pornográfico atende a regimes políticos que traçam uma linha de separação entre o aceitável e o inaceitável em matéria de representação da sexualidade, operando-se assim um sistema de vigilância sobre práticas pornográficas. Vigilância essa de todas as ordens, algo que pode se notar não só nas práticas verbais, mas também na parte organizacional/ estrutural das cidades, como localização: de hotéis, de sexshoppings, dos antigos bordéis, venda de livros com temáticas sexuais em espaços separados e escondidos do grande público... O olhar do Estado opera com um poder de coerção sobre a cidade ditando aquilo que nela pode e deve ser produzido e também circular, autorizando práticas discursivas que atendam aos seus princípios de verdade, operando-se aquilo que Foucault chama de “polícia dos enunciados/ controle das enunciações.

Foucault (1978) ao descrever o controle das discursividades da sexualidade, evidencia o papel do desempenhado pelo cristianismo, responsável por introduzir novos mecanismos de poder, novas técnicas para impor a moral, e a verdade. Entre esses mecanismos destaca o poder do pastorado², que através de práticas específicas como a confissão permanente controlava os indivíduos, e por consequência produziam-se verdades sobre suas subjetividades, logo sobre o funcionamento do corpo e da

² A existência dentro da sociedade de uma categoria de indivíduos totalmente específicos e singulares que não se definiam inteiramente por seu status, sua profissão, nem por sua qualificação individual, intelectual

sexualidade. Chama à atenção que é sobre esse aspecto, o mecanismo de controle e poder, sobre os discursos da sexualidade que o olhar deve se lançar quando se quer problematizar a influência do cristianismo, posto que a superprodução de saberes sobre a sexualidade não cessa de ser produzidos e colocados na ordem do dia dos debates.

UM OLHAR SOBRE CIRCULAÇÃO: da grafosfera à videosfera

A produção incessante de discursos sobre a sexualidade e as formas de representá-la, a pornografia e a erotização, não param de ser produzidos e colocados em circulação em diferentes materialidades. Com o advento da internet o “boom” pornográfico se democratizou, e seu vasto mercado passou por grandes transformações, de uma atividade a princípio artesanal, a uma verdadeira indústria do *big business*, conforme Maingueneau.

O regime de transição do artesanal para o industrial ocorre a partir da década de 1960, até então o que imperava era o mercado impresso (grafosfera). A hegemonia da grafosfera teve seu ápice entre o século XVI e início do século XX, claro que sempre acompanhados pelo “pente-fino” do Estado, na maioria das vezes as obras circulavam de maneira clandestina. Ressalta-se ainda que os gêneros que dominavam nas obras da época eram relatos, em forma de diálogos, diário íntimo, carta..., uma forma de expor as ideias sobre todos os tipos de assunto. Nesse período fortemente alimentado pela escrita, Maingueneau (2010) assevera que as obras pornográficas também contavam frequentemente com ilustrações, pois o mercado alimentou constantemente os amantes dos textos e os amantes das imagens:

Isso vai além da mera complementaridade: os “quadros” de atividades sexuais representados nas narrativas pornográficas estão calcados nos códigos de representação da imagem em um momento dado. Até muito recentemente, o texto era da ordem do fluxo, enquanto a imagem era estática; mas com o desenvolvimento do cinema, depois dos videocassetes e dos DVDs, por fim, da internet, a imagem tornou-se, por sua vez, fluxo narrativo, baralhando a hierarquia entre texto e imagem. Atualmente, na internet,

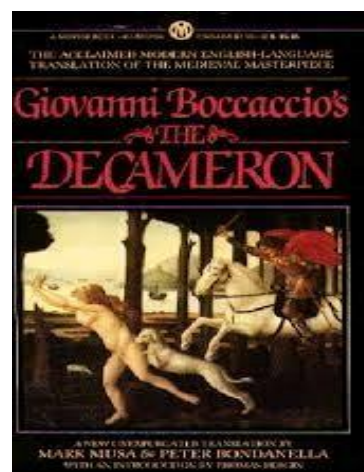
ou moral, mas indivíduos que desempenhavam, na sociedade cristã, o papel de condutores de pastores em relação aos outros indivíduos que são como ovelhas ou o seu rebanho. Creio que a introdução desse tipo de poder,[...] foi um fenômeno muito importante

os sites especializados mostram “iconotextos” que associam intimamente imagens, fixas ou animadas, e textos, escritos ou orais. (MAINGUENAU, 2010, p. 16).

As obras do Marquês de Sade, XVIII, e Boccaccio, XIV (Decamerão), que para a época eram lidos como libertinos, devido suas obras trazerem pontos tachados como pornográficos- obras atópicas-, esboçam esse diálogo entre imagético e o escrito, algo que não se configura de uma época recente, e sim dessa característica que constitui o que é peculiar ao discurso pornográfico.



<https://www.google.com.br/search>
[acesado](#) em 13/07/2014)



<https://www.google.com.br/search?>

Durante todo esse período em que o impresso, a indústria de livros, ocupou o cenário mercadológico, os aparelhos de controle do Estado fizeram-se presentes. Assistiu-se a uma verdadeira batalha entre o Estado e os que produzem a pornografia, o jogo de gato e rato, sobre a massa de discursos sobre a sexualidade renovavam-se e por que não afirmar renovam-se incessantemente. Os lugares em que esses discursos podem circular ainda hoje são demarcados, de um lado a proliferação e de outra a intredição, regimes que se imbricam quando se trata desse universo discursivo atópico. No entanto, é possível vislumbrar que diante das polêmicas instauradas em torno dos discursos sobre a sexualidade e suas formas de representação, a colocação do sexo em discurso é incitada diariamente pelo mercado, e isso se deve justamente pelo interesse que a sociedade tem e sempre teve por questões relativas ao corpo e sua sexualidade.

Diante do percurso de como se operou a circulação do discurso pornográfico o livro ocupou lugar de prestígio durante séculos. Embora hoje ainda tenha uma circulação de obras literárias, não são mais elas que “dão o tom”, que ditam modelos, estereótipos de como se vestir, falar, comportar, ser... em uma sociedade, algo que ocorrera no domínio tradicional, impresso/grafosfera, afirma Maingueneau. No novo show business o dispositivo midiático, aqui especificamente a internet, assume esse lugar de elaborar o

que é importante para uma sociedade, e por consequência quais são os ingredientes que devem agregar à produção e circulação do discurso pornográfico. Um novo regime é assim instaurado nas décadas de 60 e 70, o da videosfera. Fenômeno que corresponde ao aparecimento das salas de cinemas (em que os filmes pornográficos passam a ser exibidos) e os sex-shop. Essa massa de produção pornográfica não é mais pensada, conforme Maingueneau apenas como agressão contra a ordem pública, e sim como um lugar de assunto privado, tolerado, desde que não perturbe a ordem pública. Maingueneau acrescenta ainda que esse novo regime não funciona clandestinamente, mas em certa medida aberto a todos os olhares, algo como as casas de tolerância de antigamente, fisicamente visíveis, mas socialmente invisíveis, nunca interditadas, no entanto relegadas a um universo ilegal.

Maingueneau coloca ainda que o regime em que as práticas discursivas pornográficas circulam da década de 60 para cá marginaliza a escrita pornográfica via impresso- livro (contudo podemos ver nos últimos dois anos uma produção alucinante de livros que evocam o assunto, e como o mercado editorial tem investido nessas publicações). Com o advento da internet isso se deu de maneira mais explosiva ainda. Com simples clique é possível acessar uma infinidade de sites, blogs, chats, filmes..., assistir, comprar, conversar, marcar encontros, com garantia do anonimato. Na tela do computador há um conjunto de links que possibilitam a visualização de outras páginas, uma lógica do texto escrito com o imagético. O sujeito se depara com um conjunto de práticas discursivas que permitem a movimentação da comunicação, algo diferente do regime do impresso, o que podemos visualizar no blog “Portal Lolla Benvenuti”. Ao buscar no google o endereço aparece-nos a seguinte descrição *uma garota simpática, bela e que adora sexo! Dona de uma personalidade autêntica* e ao abrir a página, a imagem se sobrepõe ao verbal,

estamos assistindo a uma minimização, para dizer o mínimo, do texto tradicional. O texto verbal escrito não passa de um elemento periférico de um conjunto de práticas: ler uma história é uma delas, ao lado do videochat, da consulta a fotos ou de vídeos, da troca em um fórum, da busca de parceiros sexuais etc. (Maingueneau, 2010, p. 102)



<http://www.lolabenvenuttioficial.com.br/> acessado em 12/06/2015

No blog é possível visualizar um conjunto de links que abrem outras páginas. Lolla Benvenuti, garota de programa mantém o blog no qual conta sobre sua vida sexual e narra o que faz com seus clientes. Na página inicial consta a seguinte postagem “Solidão, esse santo remédio”, de 06/06/2014.

Em uma outra página “Blog Spartanas”, Lolla se descreve

“Sou a Lola. Uma garota simpática, bela e que adora sexo! Intenso, forte, com desejo. É assim que tem que ser... Dona de uma personalidade autêntica, recém formada, falo Inglês e Espanhol fluentemente. Tenho 20 aninhos, seios bonitos, redondinhos e bumbum proporcional. Tudo na medida certa pro seu prazer. Pode conferir nas fotos

☺ *Atendo homens, mulheres, casais e realizo todo o tipo de fantasias...o limite é o infinito rs. Atuo em Campinas, São Paulo e região. Me ligue para consultar os valores*

☺ *Acompanhem meu blog para ficar por dentro de meus relatos e promoções para clientes mais que especiais: <http://lolabenvenutti.blogspot.com.br>*



spartanas.com.br/spartana/lola-benvenuti/ acessado em 10/07/2014

Enquanto nos relatos impressos, os personagens eram os situados nas extremidades do corpo social: monges, aristocratas pervertidos aventureiros, prostitutas,

hoje os personagens são frequentemente pessoas comuns flagradas em seu cotidiano, apresentando-se explicitamente e testemunhando suas experiências sexuais, como pode ser observado no caso de Lola Benvenuti. Há assim, uma evolução nos conteúdos pornográficos, a característica mais evidente dessa transformação é o aumento considerável da sexualidade explícita, a ordem do sexual pelo que se nota é o dar a ver as experiências sexuais. Através da comunicação universal assistimos hoje a uma superexposição do privado, “assistimos hoje a uma mutação do regime do olhar pela qual, cada vez mais, o indivíduo tende a se expor, a oferecer sua intimidade secreta ao olhar de todos.” (D. BAQUÉ, APUD. MAINGUENEAU 2010, P. 111).

Mantendo algumas características do site, Lola Benvenuti lançou em 2015 seu primeiro livro “O prazer é todo nosso”, relatando também suas experiências sexuais como garota de programa, assumindo um ethos professoral. O livro é dividido em duas partes. Na primeira parte Lola apresenta em forma de pequenos contos alguns de seus encontros íntimos, usando de uma linguagem totalmente desinibida e destemida, como ela faz questão de frisar constantemente,

Todo mundo me pergunta se o mundo inteiro quer transar comigo, afinal, represento o fetiche da mulher fatal, sexy e poderosa. Bom, a Lola representa isso. Ela é a mulher perfeita.

Pra falar a verdade, acho que assusto a maioria dos homens, tanto no trabalho quanto na vida pessoal. Diversas vezes, ao abrir a porta do motel, encontro um cara suando em bicas porque está frente a frente com a Lola Benvenuti. Às vezes, eles nem conseguem se soltar; ficam paralisados, tensos e mal conseguem uma ereção.(p.17)

Recentemente, conversava com um cara que me jurava que toda mulher ejaculava com ele, tipo aquelas coisas de filme pornô “Nossa, não sei o que acontece, mas todas falam que nunca gozaram assim na vida...eu desperto isso nelas”. Mentalmente, eu respondi “Ah hã, senta lá, Claudia”. A preguiça que eu senti de sair com esse cara fez com que o pouco interesse sexual que havia entre nós se extinguisse.

Sutileza, bom senso e humildade são alguns das características fundamentais para não se tornar um anti foda. (p. 42)

Na segunda parte do livro, Lola descreve como foi o momento de revelar aos pais, aos colegas de universidade e amigos a vida que havia escolhido, o mundo da prostituição, momento segundo ela afirma em que sofreu muito preconceito. Através da prática de escrita de Lola Benvenuti a partir do blog, do livro e também das entrevistas dadas a inúmeros programas e revistas é possível observar a escrita como ferramenta política (Margareth Rago 2013), inspirada por ideais de lutas feministas, em que a mulher se coloca como mulher forte e que questiona os valores e códigos préestabelecidos.

Apesar de nos depararmos na contemporaneidade com essa multiplicidade de discursividades sobre a pornografia e a erotização, seja através de revistas, sites, blogs, filmes, livros e outros, na contramão dessa massa de discursos encontramos limites impostos pela sociedade por onde esses discursos devem circular, e quando estropeiam esses *guetos* são vistos como deturpadores da ordem pública, fadados assim ao descomprometimento de reflexões também da crítica literária, continuando assim fadados ao lado negro da literatura, e por sua vez reinando absolutos na clandestinidade, produzindo conflitos, repulsa, horror, medo toda vez que ultrapassam as demarcações que lhes são impostas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FOUCAULT, M. Sexualidade e poder. In: Ética, Sexualidade, Política. Tradução de Eliza Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. RJ: Forense, Universitária, 2004.

_____. A ordem do discurso. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. S.P: Edições Loyola, 2002

FRANÇA, J. Prefácio a uma teoria do “medo artístico” na Literatura Brasileira.

Disponível em

[www.academia.edu/.../Prefácio a uma teoria do medo artístico na Literatura.](http://www.academia.edu/.../Prefácio_a_uma_teor%C3%ADa_do_medo_art%C3%ADstico_na_Literatura)

Acesso em 15/07/2015)

GUEDES, D. Jorge Amado segundo a crítica literária: depois de ser ignorado pelas academias, o escritor agora começa a ser avaliado com mais justiça. Jornal do Comércio.

Disponível

em

<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/08/04/jorge-amado-segundo-acritica-literaria-51532.php>

MAINGUENEAU, D. O discurso pornográfico; tradução Marcos Marcionilo.

SP.:Parábola Editorial, 2010.

_____. DISCURSO E ANÁLISE DO DISCURSO: uma introdução.

Trad. Sírío Possenti. SP.:Parábola Editorial, 2015.

MORAES, E. R. Escritos eróticos: O erotismo através dos séculos. Disponível em <https://mljornalismo.wordpress.com/.../escritos-eroticos-o-erotismo> (Acesso em

10/07/2015)

RAGO, M. A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013

SOUZA, K. M. A história da sexualidade e outras histórias do presente. In: MARQUES, W., CONTI, M. E FERNANDES, C. (org.) Michel Foucault e o Discurso: aportes teóricos e metodológicos. Uberlândia: EDUFU, 2013.